ISSN 1679-0316

Cadernos IHU Idéias

O Ruído de Guerra e o Silêncio de Deus

Dr. Manfred Zeuch

ano 1 - nº 5 - 2003 - 1679-0316

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor
Aloysio Bohnen, SJ
Vice-reitor
Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Centro de Ciências Humanas
Diretor
José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos
Coordenador
Inácio Neutzling, SJ

Cadernos IHU Idéias
Ano 1 – Nº 05 – 2003

ISSN 1679-0316

Editor
Inácio Neutzling, SJ

Conselho Editorial
Dárnis Corbellini, Laurício Neumann,
Rosa Maria Serra Bavaresco e Vera Regina Schmitz

Responsável técnico
Telmo Adams

Editoração e impressão
Gráfica da Unisinos

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Instituto Humanitas Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.5908223 – Fax: 51.5908467
humanitas@poa.unisinos.br
www.ihu.unisinos.br

O RUÍDO DE GUERRA E O SILÊNCIO DE DEUS

Manfred Zeuch[1]

1 O Ruído de Guerra

Desde março temos presenciado, em tempo real, uma guerra anunciada. Temos novamente assistindo ao terror. Nós temos assistido, na verdade, desde o início dos anos 1990, à materialização de uma "lógica de guerra", na qual um chefe de estado ocidental disse estarmos entrando, em 1991, antes da primeira guerra contra o Iraque. Desde então, assim estima-se, as intervenções militares ocidentais no mundo, especialmente a das forças americanas, foram mais numerosas do que em todo o período de 1945-1990.[2]

Com o ruir do muro de Berlim e do império soviético, George Bush anunciava a criação de uma "nova ordem mundial". No final da guerra do Golfo, em janeiro de 1991, Bush dizia: "Nós temos trabalhado duramente pela liberdade há dois séculos. Nesta noite nós lideramos o mundo numa prova de força de uma ameaça contra a dignidade e a humanidade. Há mais em jogo do que um pequeno país– uma grande idéia: uma nova ordem mundial... Há dois séculos a América serve para o mundo como brilhante modelo de liberdade e democracia... Hoje, num mundo que se modifica rapidamente, o papel de liderança da América é inevitável, indispensável".[3]

A nova ordem mundial de Bush seria a tentativa de elevar constantemente, no século XXI, o nível de vida dos cidadãos americanos, a "construção nacional" e a manutenção ou instauração da "democracia", da justiça e da paz no resto do mundo. Na tentativa de realizar este intento, a ordem liderada pelos governos americanos chega ao uso repetido da

---

1 Professor e pesquisador na Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS. Doutor em Teologia pela Universidade Marc Bloch, Strasbourg II, UMB, França; e bacharel em Telogia pela Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia, CEC, Brasil. E-mail: manfred@ulbra.tche.br

2 Cf. Serfati.

3 Apud Skriver, 1991, 482.

maquinária bélica. Esta nação sofre uma agressão terrorista sem precedentes, em setembro de 2001, num cenário de horror. Para punir esta agressão e prevenir novas, prevenir o mal, precisam entrar em ação as forças do bem. A guerra contra o Iraque hoje é uma guerra preventiva, em que o bem procura conter o mal. Começou com a guerra do Afeganistão, numa operação de "justiça infinita", e se prolonga hoje no Iraque. As perdas humanas inocentes são manifestações inevitáveis numa "guerra justa" e procuram evitar o mal maior. A guerra é moderna e tecnológica e pode ser feita com contornos bem nítidos, cirúrgicos e rapidamente. Assim se diz ao mundo.

Mas de acordo com vozes críticas, e pelo que vemos no desenrolar dos fatos, se conclui que o que estamos vivendo faz parte de uma "economia de guerra" inerente às instituições capitalistas, especialmente da contra-reforma neoliberal que iniciou nos anos 1970, e na verdade o 11 de setembro de 2001 foi por assim dizer um fato legitimador da execução de planos econômico-militares que vêm sendo feitos há bem mais tempo nos círculos do atual presidente dos Estados Unidos. É veiculado o fato de que dois ou três altos responsáveis próximos a Bush, representando o conglomerado financeiro industrial-petrolífero-militar, não somente decidiram com ele a invasão do Iraque no dia seguinte ao ataque terrorista de Nova Iorque, como preconizavam há tempo uma tal invasão. As "condições duvidosas" (*Le Monde*) da eleição de Bush são tidas como um fator que havia tornado difícil a realização de um objetivo, que com o 11 de setembro se viu totalmente realizável.[4]

Os fatos que levaram a decisões unipolares como esta guerra são os meandros da crise econômica mundial que vem afetando até mesmo a nação americana. As intervenções militares nos anos 1990, a guerra contra a Sérvia, Afeganistão e agora Iraque testemunham, assim se diz, que a guerra tornou-se um modelo de funcionamento do capitalismo americano[5], um modo de defesa do seu capital, de expansão do mesmo, e de manutenção da primazia mundial. Em 1999 o governo americano anunciava o aumento significativo do orçamento militar em mais de 110 bilhões de dólares até 2003, o que fazia de grandes grupos de armamento atrativos da bolsa financeira, ao mesmo tempo em que se consolidava seu poder de influência na sociedade e política dos Estados Unidos[6].

Se no início do século XIX o teórico militar (prussiano) Carl von Klausewitz (1780-1831) podia afirmar que a guerra era a

4 Cf. *Le Monde Diplomatique*, cahier.
5 Cf. Serfati.
6 Idibid.

continuação da política com o emprego de outros meios, tem-se hoje mais e mais a convicção de que estamos testemunhando a "desestatização e privatização da guerra, que especialmente nas últimas três décadas deixou de ser um instrumento de interesses políticos, tornando-se uma espécie de objetivação lucrativa econômico-privativa e acumulação de riquezas"[7]. Os generais "apenas repassam e operacionalizam decisões", como disse o sociólogo Luis Fernando Garzon. "Executivos políticos viraram generais. Generais viraram soldados. Soldados viraram máquinas."

O filósofo húngaro Meszáros sustenta que a crise que se enfrenta hoje não é mera crise política, mas uma crise estrutural geral das instituições capitalistas de controle social na sua totalidade. As instituições do capitalismo são inerentemente violentas e agressivas: elas são edificadas sobre a premissa fundamental que prescreve a "guerra, se falham os métodos 'normais' de expansão"[8].

Guerra, quando os limites locais do crescimento e expansão são atingidos, é a única saída como forma de reajustar a relação dominante de forças, uma forma agressiva que caracteriza o capitalismo neoliberal, onde reina "a cega 'lei natural' do mecanismo de mercado", da sobrevivência e supremacia do mais forte às custas do menor. Na análise de Meszáros, o inelutável resultado desta lei é que "os graves problemas sociais necessariamente associados à produção e à concentração de capital jamais são solucionados, mas apenas adiados e de fato transferidos ao plano militar, dado que o adiamento não pode se dar indefinidamente"[9].

No palco da guerra do Iraque, no inferno que lá aconteceu e ainda acontece, vimos entradas de cenas que mostram os responsáveis por ela pronunciando-se. Assim, no fim de março, eles reafirmam o que seria o objetivo desta guerra que seria reputada justa e moral: as tropas invasoras estariam, conforme Bush, "agindo de forma brilhante"[10], no mesmo dia em que soldados americanos, por temerem as novas variáveis dos militantes suicidas misturados aos civis, matam treze mulheres e crianças num veículo. Só neste ato, o presente e o futuro de dezenas de pessoas simples são mutilados e aniquilados. Neste mesmo dia é declarado que esta invasão deverá levar "alimentos, liberdade e uma vida melhor aos iraquianos". Fome, desgraça e uma vida de inferno é o que eles vivem na verdade

7 Cf. Reyer, 2003, 15.
8 Meszáros, 2002, 1001ss. Agradeço ao meu colega Prof. Ottmar Teske pela indicação desse autor.
9 Idibid.
10 *Correio do Povo*, 1/4/2003, p.5.

graças ao pesado embargo ocidental há mais de uma década. A saúde e a educação são as primeiras vítimas das sanções internacionais, e os iraquianos vivem mil e uma privações devido a elas e à indiferença e repressão impiedosa do agora destituído Saddam Hussein, antigo aliado e treinado pelo governo americano.[11]

Falta de alimento, falta de liberdade e uma vida indigna é o que centenas de milhões vivem no planeta. Esta guerra porém se trava declaradamente por intereses norte-americanos, que até agora não têm provas suficientes sobre a existência dos armamentros iraquianos e que assumiram a guerra desta envergadura pelo motivo da derrubada de um governo, o de Saddam Hussein. Como disse um comentador do *Le Monde*, há uma mudança no cenário mundial pelo fato de o governo dos Estados Unidos estar ignorando o direito internacional, organizações como a ONU, e de estar identificando de agora em diante seus próprios interesses com o direito.[12]

O aumento considerável do orçamento militar americano leva este país a realizar "guerras preventivas" contra países soberanos, que se baseiam em suposições, desequilibrando assim o direito internacional, adotando com isto uma política unilateral que está inquietando até mesmo seus mais próximos aliados[13]. Rumsfeld articulava uma nebulosa "guerra contra o terrorismo", um conceito que nem mesmo está claramente definido no âmbito da ONU e que permite também mundo afora a governos que pouco prezam os direitos humanos de acentuarem uma política de repressão e de restringirem a liberdade de seus cidadãos. A guerra de Rumsefld contra o "terrorismo" devia ser, como ele disse, "uma guerra sem compromissos e sem regras"[14], e o que estamos vendo hoje é precisamente o surgimento de um novo terrorismo, o iraquiano. Muitos entendem que a unipolaridade e unilateralidade desta ação bélica prometem desestabilizar ainda mais o mundo que já se encontra, conforme alguns, na mais delicada situação desde a Segunda Guerra Mundial.

Se olharmos para o resultado da guerra contra o Afeganistão, veremos que o que foi aberto lá não é tanto a porta da

11 Governo que, aliás, vem preferindo homens fortes e ditaduras, cf. Reyer. Lembro aqui de uma carta escrita pelo Bispo americano Robert Bowmann a Bil Clinton, em que explica por que pensa que "somos alvos dos terroristas": "porque, em boa parte do mundo, nosso governo defende a ditadura, a escravidão e a exploração humana. Somos alvos de terroristas porque nos odeiam".

12 *Le Monde Diplomatique*.

13 Idibid.

14 Cf. Garzon.

liberdade, a possibilidade de uma vida digna, quanto um estabelecimento militar e uma rota comercial para o Cáucaso. No Afeganistão, aparentemente já esquecido, permanecem as cinzas e ruínas da indignidade: a mídia relata[15] que os direitos humanos, especialmente os da mulher, continuam sendo pisoteados, a destruição da *Al Qaeda*, objetivo alegado da guerra, aparentemente um fracasso, pois os principais responsáveis permanecem dispersos, organizando atentados mundo afora – e se pronunciando agora numa convocação para novos atentados – e a autoridade do presidente afegão empossado por Washington parece não ultrapassar os limites de Cabul, sendo que sua própria proteção é assegurada por forças estrangeiras, ou seja, Afeganistão mergulhou novamente no caos.

Os iraquianos merecem alimento, liberdade e uma vida melhor. Mas o mundo inteiro sabe que esta ação bélica é contra um país que exportava "um milhão de barris de petróleo diariamente para os Estados Unidos" e que um governo dócil certamente facilitaria as coisas. Tem sido questionado que, se o capitalismo americano, que vemos aqui empregado no arsenal, realmente preocupa-se com as tribulações dos povos minoritários, como curdos e xiitas no Iraque, por que permitiu que Saddam e sua Guarda Republicana os massacrassem após a guerra do Golfo?[16] Estima-se que o Iraque representava maior perigo em 1991 do que hoje, após décadas de sanções que já fizeram, conforme estimativas, mais de um milhão de mortos, além do uso de urânio empobrecido na guerra de 1991, que foi usado posteriormente também no Kosovo.

O anúncio de uma guerra rápida, limpa e cirúrgica, "brilhante", das forças que representam a maior economia mundial, cede à realidade do horror e suscita, hoje, mais intensamente do que nunca, a reflexão sobre direito e justiça. O brilho que o mundo viu são as luzes milionárias da destruição nas noites do Iraque e o luzir vermelho do sangue nos corpos de inocentes cidadãos mulheres, crianças e homens.

Não preciso falar do ruído mundial de protesto, inquietação e indignação que este "rufar de tambores" bélico multibilionário tem suscitado no mundo, inclusive na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Hoje, como na Europa dos anos 1930 e 1940, pessoas estão se perguntando: onde está Deus nisso tudo? Deus? Ele está no comando dos aviões que levaram duas torres ao chão e mutilação e morte de terror para milhares de inocentes. Deus está no comando do terrorismo do islamismo extremista. Deus?

15 *Le Monde Diplomatique*.

16 Cf. Peterson.

Deus está no comando dos Tomahawk, dos Apache e dos B52. Deus aparece no discurso religioso em ambos os lados. É isto que Deus está dizendo e fazendo? É esta a fala de Deus? Existe uma "guerra justa" que tivesse a anuência e o beneplácito de Deus?

2 A Questão da "Guerra Justa"

As igrejas do ocidente levaram praticamente um século para mudar sua posição ética em relação à paz. Na Primeira Guerra Mundial ainda havia um entusiasmo bélico do qual participavam até mesmo os pregadores do evangelho. Só depois da Segunda Guerra, esta concordância foi se atenuando[17].

No momento de sua fundação, o Conselho Mundial de Igrejas declarou que "não deve haver guerra, de acordo com a vontade de Deus"[18]. Esta convicção ganhou terreno também durante e depois da guerra fria: A escalada de armas de destruição em massa ameaçava toda vida humana. Com elas, as potências polarizadas pretendiam intimidar uma à outra, mas o passar do tempo trouxe a convicção de que é altamente questionável se este tipo de armas manteria ou até criaria a paz. Esta convicção se expressa também no novo catecismo da Igreja Católica (2304ss).

A tradição luterana tem incorporado em seus textos referenciais do século XVI a afirmação de que uma das atribuições dos cristãos é "fazer guerra justa" (CA XVI), reportando-se a Agostinho e Thomás de Aquino. Este conceito já vem dos antigos gregos e romanos e foi incorporado na teologia. Também é refletido no âmbito do direito natural. Diante das mudanças de nosso século, com o espectro da destruição em massa das armas modernas, muitos cristãos têm sido reticentes com esta noção, e fala-se hoje em "paz justa ao invés de guerra justa". A Federação Luterana Mundial lançou nos anos 1980 um apelo que se chegue a um consenso sobre a questão do *iure bellare*, seguindo uma tendência que desde 1945 cada vez mais vê a guerra como "imoral". Harding Mayer, teólogo pesquisador do Instituto Ecumênico de Estrasburgo, disse em 1990 que, caso houver um consenso entre as igrejas luteranas de que o anseio de paz, que também permeia a *Confessio Augustana* e seu artigo XVI, não pode hoje mais ser concretizado por meios belicistas,

17 Cf. Reyer, 2003, 12.
18 Idibid, 13.

então elas deveriam abandonar a noção do *iure bellare*[19] e considerar isto como revisão normativa de seu próprio documento confessional.

A Igreja Evangélica Unida da Alemanha afirmou em 2001 que a justiça não tem nada a ver com guerra, mas com paz, e que por isso seria preciso repensar o conceito de guerra justa. Semelhante declaração se lê num pronunciamento da conferência nacional dos Bispos Católicos na Alemanha, em 2002, cujo título – paz justa – conscientemente se distancia do conceito de guerra justa[20]. Nesta abordagem, não se trata tanto, segundo Nauerth (2002), da legitimação da ação do Estado, mas de verificar a legitimidade ética da ação do Estado. A ênfase aqui é aumentar o âmbito de reflexão sobre a guerra justa, integrando e enfatizando o primado da prevenção e da solução construtiva de conflitos.

O bispo alemão Andreas Laun, no entanto, lembra, num artigo publicado em jornal (*Die Tagespost*), que o conceito antigo da guerra justa nunca teve a intenção de promover o belicismo, mas pelo contrário de conter o risco de guerra o máximo possível e de aceitá-lo eventualmente como o mais amargo e extremo recurso, que ele nomeia todas as barreiras morais que devem ou evitar totalmente a guerra, ou admiti-la em caso extremo, quando somente poderia ser qualificado de justo do ponto de vista das vítimas, uma vez que de qualquer maneira a guerra sempre pressupõe a injustiça e pessoas que a praticam. Ou nas palavras do citado *Catecismo*, o recurso à violência sempre implica riscos físicos e morais com suas ruínas e mortes, e toda guerra traz o mal e a injustiça (2306, 2307). Para Lutero, o verdadeiro promotor das guerras era o diabo. Segundo as convenções da ONU, todos os países membros devem abster-se do emprego da violência contra um Estado soberano e de qualquer ameaça que contradiga os objetivos das Nações Unidas. Na verdade, não existe objetivo para o qual a guerra seria um meio proporcional e totalmente justo. Retomando uma frase de Wolfgang Huber: "Passamos da ilegalização dos meios da guerra para a ilegalização da guerra como meio"[21].

Esta convicção crescente fez com que houvesse no caso específico uma "unidade inédita" por parte das igrejas cristãs na

19 Nauerth (2002) indica as fraquezas do antigo conceito de guerra justa: 1. O nome infeliz guerra justa foi e é um convite para se legitimar a guerra. 2. A doutrina da guerra justa tradicionalmente foi compreendida como regra para príncipes, onde os súditos simplesmente tinham que submeter-se a eles, sem opinião própria. 3. Faltava ainda naquela época a noção de prevenção de guerra, as possibilidades de solução de conflitos isenta de violência.
20 Cf. Reyer, 2003, 14.
21 *Gibt es einen gerechten Krieg?*

rejeição severa da guerra contra o Iraque, de católicos, ortodoxos e protestantes, inclusive da Igreja Unida Metodista, à qual pertence George W. Bush. O papa disse que esta guerra seria uma "derrota da humanidade". A igreja da minha própria tradição no Brasil, através das duas denominações luteranas aqui existentes, publicou uma declaração oficial dos dois presidentes rejeitando a guerra, qualificando-a de "arbitrária, insensata e desumana" e declarando que a guerra não é um "meio [...] legítimo nem eficaz, muito menos moral, para atingir a paz e vencer o terrorismo. Ao contrário, seu resultado é a instigação de ódio ainda maior"[22].

Por que esta unanimidade?

É sentimento geral de que esta guerra "não cheira à justiça", que ela não se enquadra em nenhum dos critérios tradicionais da justificação moral de uma guerra. O teólogo Hans Küng, por exemplo, representa esta opinião, para quem esta guerra é contrária ao direito internacional e é imoral.[23] No caso desta guerra, a dificuldade do juízo sobre a sua moralidade é ainda mais difícil, uma vez que só se pode definir objetivos justos no âmbito de uma concepção de ordem que é aceita por toda a comunidade internacional, além do fato de que finalmente os homens não dispõem de um parâmetro absoluto de justiça que justificaria o exercício da violência letal.[24] Em todos os casos,

22 *Declaração* de 24/3/2003

23 Küng argumenta que o primeiro critério, a causa justa (*causa iusta*), não é respeitado, porque a guerra se caracteriza por agressão preventiva, baseada numa suposição de ameaça pela propriedade de armas de destruição em massa do Iraque. E a própria existência destas armas teoricamente ainda não significa que Saddam Hussein as usaria como se teme. O segundo critério: a intenção justa (*intentio recta*): Faltando até hoje as provas fornecidas à comunidade internacional da efetiva propriedade de tais armas, a finalidade alegada é a derrubada de um regime político ditatorial. Por que não derrubaram outros tantos regimes da história e atualidade? Terceiro critério: a proporcionalidade (*debitus modus*), ou seja, a guerra deve ser realizada com meios proporcionais. Neste caso, Küng afirma que não se pode exigir como preço da eliminação de um ditador sanguinário uma catástrofe humanitária com milhares de mortos e feridos e centenas de milhares de refugiados. O quarto critério é a instância ou autoridade legítima (*legitima potestas/auctoritas principis*). No caso presente, uma vez que nenhum estado foi atacado e que não há ameaça imediata, esta instância é unicamente o conselho de segurança da ONU. A atual ação desrespeitou a posição da ONU no conflito. Quinto, a guerra deve ser o último recurso (*ultima ratio*) para eliminar o mal. Há consenso de que havia outros meios de chegar a soluções razoáveis no conflito, inclusive uma melhor participação da Liga Árabe, que reconheceu não ter feito o que pôde para evitar a guerra. Último critério: o respeito do direito internacional. Este, representado pela ONU, foi ignorado, como foi também o ataque a um estado soberano com fins de mudar o seu regime.

24 Cf. Wolfgang Huber/Hans-Richard Reuter: Friedensethik. Stuttgart u.a. 1990, S. 295 f., citado em *Gibt es einen gerechten Krieg?*

conforme o Bispo Laun[25], uma guerra só poderia ser justificável dentro de um absoluto estado de emergência, mas o seu sentimento, que expressa o de milhões de pessoas no mundo, é que esta guerra não apresenta justificativa. Não é a nação atacada que precisa apresentar as provas para justificá-la, mas as nações que pensam dever realizar esta guerra. Não apresentando os motivos segundo a compreensão dos critérios da "guerra justa", e muito menos aguardando a análise e o veredito da comunidade internacional – o julgamento do observador mais neutro –, estão dando ao mundo a impressão de que "a justiça obedece à força, e não a força à justiça". Uma pergunta candente é: "parece que os Estados Unidos agora têm um poder absoluto. A tentação para a corrupção está aí. Seus dirigentes vão resistir, ou já sucumbiram a ela?" Sir John Acton (1736-1811) dizia: "O poder tende à corrupção. O poder absoluto corrompe de maneira absoluta"[26].

Desde os anos 1945 se dizia que fazer guerra é imoral. Hoje observa-se o fenômeno contrário: faz-se guerra por alegados motivos morais. O filósofo Karl Otto Hondrich escreve: "a intensidade de nossa moral é que permite que a história das guerras não termine nunca. Os sentimentos morais e a violência estimulam-se mutuamente até o ápice"[27]. O sociólogo Ulrich Beck parafraseia Clausewitz: "e a guerra torna-se a continuação da moral com outros meios"[28].

A conclusão de Reyer é que por isso os critérios da antiga doutrina de guerra justa não serão capazes de conter a nova disposição bélica: nem terroristas nem moralistas vão se impressionar por eles. Onde a política desemboca na violência, ela já perdeu seu primado e legitimidade.[29]

Esta moralidade se reveste de uma força extra que tem a função de lhe conferir autoridade inquestionável, que é a idéia de Deus. Para muitos, porém, Deus não está neste discurso.

25 Laun, *Amerika gegen Irak*.

26 Cf. Laun.

27 Cf. Reyer, 2003, 15.

28 Idibid.

29 Idibid. Tem sido de opinião pública que o governo americano beligerante não tem moral, apesar de todos os motivos morais alegados, para apelar para leis internacionais de direitos humanos no tratamento da guerra e do inimigo. Por sua violência inerente, o moralismo perde toda moral e a única legitimação é a sua autolegitimação.

3 O "Silêncio de Deus"

Perguntas cruciais surgem neste momento. Eu vou comentar algumas que me foram feitas no âmbito deste evento:

1) *Como sabemos que Deus está em silêncio diante dos horrores da guerra, tendo em conta que é tão "invocado" por ambas as partes envolvidas no conflito? Por que está em silêncio?*

O Arcebispo de Canterbury considera ser esta "a mais feia e assombrosa pergunta entre todas, a questão da teodicéia"[30], que não vou tentar resolver filosoficamente aqui, e nós nunca o poderíamos. Ela parte de uma convicção e de uma indagação candente. Quando vemos o mal, quando vemos um enfermo sofredor, quando vemos mortes e massacres, quando vemos inocentes sofrerem pela ação bélica do ser humano, sentimentos mistos invadem nosso ser, como mal-estar, medo, angústia, aperto. E o que provoca mais sofrimento são as muitas perguntas sobre o porquê disso[31]. Quando a criatura humana sofre além do tolerável, tende a brigar com Deus e levá-lo ao processo, como o expressa Bernard Sesboué.[32] A Bíblia, especialmente no Antigo Testamento, testemunha o grito de angústia expresso neste exemplo do salmista: "Deus, não fiques mudo, não fiques quieto, não te cales, meu Deus" (Sl 83,2).

A convicção do silêncio de Deus diante do conflito atual e o sofrimento que causa pertence a todas as pessoas "de boa vontade" que não querem crer que Deus esteja falando através das convocações e invocações de um poderoso deste mundo que, em nome de Deus, promove o ruído de guerra e o choro agonizante das vítimas. Também não crê que Deus esteja falando através dos gritos e ações de uma Jihad preconizada por um implacável ditador, (agora deposto) e passível de ser executado por pilotos-suicidas e homens-bomba. Não cremos, como dizia Epicuro, que Deus não queira eliminar o mal, nem que ele não seja capaz de fazê-lo. Falamos do silêncio de Deus porque o que vemos diante de nós não se harmoniza com os atributos de amor e bem perfeitos que cremos estarem em Deus Criador. Vemos a crassa injustiça no mundo que o divide em duas fatias: uma fatia pequena e gorda de privilegiados (e muitas vezes ávidos) e uma enorme fatia ressequida de sofredores e oprimidos, esfomeados e açoitados, de esquecidos do universo. Vemos o

30 Cf. Arcebispo Carey, .
31 Cf. Denis Cagnon, *Quand Dieu de tait*.
32 Bernard Sesboué. *Quando Deus se cala*

açoite da desesperada violência terrorista e o assalto da violência da guerra gorda sobre estes deslembrados do universo, embargados de um ocidente liderado por uma potência que se crê messiânica, escatológica. Vemos os números nauseabundos dos 65 milhões de mortos de duas guerras mundiais e os 100 mil que fenecem diariamente de fome, os 300% de aumento dos índices de crimes de violência desde 1953.[33] Vemos o desafiador aumento do terrorismo narcótico em nosso país. Então vem a pergunta candente: Por quê? Deus não fala? Se não, por que não? Se sim, como ele fala? Quando e onde Deus fala sobre seu intento?

Que Deus vemos invocado nas violências de nosso tempo? Saddam Hussein era um chefe de Estado leigo, ditador implacável que usou o nome de Deus como recurso de reação às investidas religiosas, missionárias, messiânicas de Bush e para obter a simpatia de seu povo já castigado e mutilado em grande parte por sua própria responsabilidade. O Deus de Saddam Hussein era uma imagem retórica e um símbolo instrumental de unidade religiosa e nacional, mas pode tornar-se, ao mesmo tempo, uma grandeza de perspectivas inestimáveis quando o eco desta sua invocação encontra, mundo afora, mas também e primordialmente dentro de seu próprio país, ouvidos islâmicos extremistas ou de povos oprimidos e esmagados, de cujas fileiras pode nascer o extremo que nós já conhecemos. O eco do potencial terrorista já se manifestou. O fundamentalismo foi interpelado. Esta guerra certamente não é simplesmente uma guerra secular, ela tem também uma natureza religiosa e ideológica. Mas se o mundo não encontrar a paz entre as religiões, a sobrevivência da própria humanidade está ameaçada.

O Deus de Bush é, ao meu ver, uma deturpação fundamentalista do Deus cristão, usado como força moral e legitimadora para o poderio político, geoestratégico e econômico. É um Deus dualista e nacional, que conferiria ao chefe desta guerra os poderes supramundiais de juízo sobre povos e nações, sobre moral, sobre vidas. Mas, no dizer do teólogo Schorlemmer, o Deus de Jesus Cristo não é e nunca poderá ser um Deus nacional, seja alemão, israelense ou americano. Parafraseando Drewermann, que se expressou com veemência contra esta guerra, fazendo uma análise teológico-psicanalítica da atitude de Bush: Quem quer seguir o caminho de Jesus Cristo não pode forrar seu passeio com cadáveres.[34]

33 Cf. *Verbreitung der Heiligen Schrift*
34 Cf. Drewermann, *Warum Bush diesen Krieg führen muss.*

Houve tempos em que a teologia cristã, ou mesmo a fé cristã popular, entendia ser não só a guerra como os males humanos causados e sofridos – o *Böse* e o *Übel* – a fala do açoite de Deus contra a humanidade rebelde. O próprio Lutero e seus irmãos e irmãs entendiam a ameaça turca, islâmica, como a vara de Deus contra a nação alemã degenerada. Karl Barth em seu livro *A igreja e a guerra* entendia a Segunda Guerra Mundial como um juízo e castigo de Deus sobre a humanidade, toda ela culpada. Este é e pode ser um exercício de introspecção e autocrítica – sempre necessária. Mas quero crer que teologicamente não reflete a linguagem do Deus de Jesus Cristo. O próprio silêncio de Deus não pode ser interpretado como seu açoite contra a humanidade. Já pelo fato de os açoitados, as vítimas, os prostrados deste suposto açoite serem os inocentes, os povos já prostrados e excluídos. Forças com autocompreensão messiânica vêm com a máscara de um Deus que descarrega o fogo de toneladas de bombas, um Deus de máscara e mão de ferro incandescentes, que dilacera e pulveriza pessoas humanas, numa ação de "prevenção" cujo custo é alto demais para que alguém o possa restituir. Este é um mal feito. Nunca poderá ser desfeito. Não há reconstrução que reconstrua esta destruição. Um mal não se paga com outro mal. Não é este o espírito do Deus de Jesus, cuja identidade foi roubada e usurpada. Por um ato deliberado contrário ao senso comum das nações que buscam a paz e a ordem no mundo, evitando por todos os meios violência e a guerra, pessoas são riscadas da existência, e os sobreviventes – como o pai iraquiano mostrado na TV, segurado por um amigo, que tombava de dor e choro por perder a família – só podem perguntar: "Por que aqui"? "Por que eles"? Mas este não é o açoite de Deus. Muito menos a libertação de Deus.

Deus chora com o iraquiano no ombro do amigo. Toda indagação acerca da justiça de Deus e seus açoites contra o mal da humanidade deve voltar seus olhos ao crucificado. Nele, Deus Pai açoita seu filho e sofre por isso. Silencia em ira e dor. Ira não por causa do filho, em quem se compraz. Ira por causa da emancipação humana de sua origem criacional. Deus sofre com a história humana a ponto de se auto-açoitar, de se dar completamente na carne, carne cravada, dilacerada e ensangüentada. Porque ama o que criou. Porque sabia que para que o amor seja e que o mundo seja bom, como ele o disse, ele deu ao ser humano a possibilidade de lhe dizer não. Ele nada lhe impôs. Ele o criou livre, como ele próprio. Mas como criatura, o ser humano é limitado, estando na dependência de sua comunhão com Deus e felicidade. Não é a limitação do ser humano a raiz do mal, não é o seu criador, portanto, mas é a rebelião do homem contra esta limitação, que lhe dá a ilusão de ser divino, esta é a raiz do mal, como argumenta o teólogo W. Pannenberg. "A independência da criatura possui em si mesma a sedução de levar a criatura humana a absolutizar-se na *Selbsbehauptung* (auto-afirmação) de sua própria existência."[35] Deus não deu tudo ao ser humano, Deus não o fez Deus, um clone de si mesmo. Deus lhe deu a distinção de si, a identidade própria de criatura, dentro da qual poderia viver numa harmonia empiricamente ainda não experimentada, mas que, *in spe* (na esperança), os que se remetem ao Cristo – homem que se distinguiu de Deus e viveu totalmente em sua comunhão – podem vislumbrar em alguns sinais bem claros de nossa realidade por antecipação.

Jürgen Moltmann nos leva a refletir sobre a dor de Deus por seu auto-açoite, sobre o que ele chama de "o mistério do sofrimento de Deus", que "feito carne, crucificado [...] se exaure em amor pelos homens"[36]. O sofrimento de Deus é um sofrimento ativo, quando Deus voluntariamente se abre para o outro, a sua criatura, deixando-se afetar intimamente por este outro. Deus sofre de amor apaixonado, passional, pela sua criação mais preciosa. Deus escolhe sofrer, porque Deus ama. Deus sofre em favor dos amados[37]. Para falar com Pannenberg, a responsabilidade pelo mal de certa forma recai sobre o criador presciente e anuente da criação[38], que ele sabia passível de rebelar-se em suicidária autodivinização. Mas em sua encarnação Deus prova que assume esta responsabilidade e a carrega dolorosamente nas próprias costas. Que Deus assume sua responsabilidade como criador, que o mal, que no entanto emana diretamente da criatura e não de Deus, não somente é real e custoso para o ser humano, mas para o próprio Deus, ele o mostra na morte de seu Filho[39]. No mistério da salvação o pai concentra o açoite e abandono e as enfermidades do mundo sobre seu filho e se prostra em profunda dor.

Citando Pannenberg, "é na passagem da autonomia, dada por Deus ao ser humano, para o seu autonomismo (da *Selbständigkeit* para a *Versälbständigung*) que se encontra a fonte do sofrimento das criaturas bem como do mal e, em conseqüência, os sofrimentos que as criaturas infligem umas às outras bem acima da medida de sua finitude"[40]. Jean-Jacques Rousseau dizia: homem, não procura mais o autor do mal, o autor és tu mesmo![41] *Homo homini lupus* (o homem é o lobo do homem) (Hobbes). Seja nos golpes de uma enxada, seja nas tem-

35 Pannenberg, 1991, 199.
36 Moltmann, 1978, 56.
37 Moltmann, *The Trinity and the Kingdom: The Doctrine of God*, p. 23
38 Op. cit. 196.
39 Idibid.
40 Idibid, 199.
41 J. J. Rousseau, em Émile, ou De l'éducation.
Em www.bonheurpourtous.com/botext/combmal.html

pestades de chumbo e fogo, estas são máscaras deformadas da auto-afirmação e divinização usadas por criaturas contra seus semelhantes.

A auto-afirmação da criatura, que vem de seu autonomismo, em sua absolutização, tende a restringir também a liberdade de crítica do outro. No caso desta guerra, chama a atenção um ensaio publicado na última *Veja* por Roberto Pompeu de Toledo (2003) sobre *A reconstrução dos Estados Unidos*. Numa sociedade que se propõe a levar a liberdade e democracia ao mundo, paradoxalmente mesmo a ferro e fogo, as vozes diferentes que questionam seu "ferro e fogo" são postos na mira da intolerância: uma mídia orientada e propagandista boicota uma cantora country[42] nos USA por criticar a ação bélica de seu próprio país. A consciência messianística legalista que seqüestra as palavras de Jesus "quem não é por mim é contra mim" é o motor não só dos apaches e tanques no deserto, mas também do trator que, conforme o artigo, tritura os CDs e fitas do grupo musical que ousou protestar.

Poderá a tempestade da guerra carregada de simbolismo religioso levar a paz e entendimento entre as culturas, religiões e nações? Haverá uma ausência de guerra, após a conquista do Iraque? (o que ainda não é a paz!) Ou há outras nações na mira? Esperemos que a "ausência de guerra", que, tomara, se seguirá a esta sangrenta campanha, não seja momentânea. A lei da vingança, prepotência e retribuição encerra potencial de energia para reação contrária, tal a entropia na termodinâmica que leva toda "ordem" à desordem. Como numa gangorra que se embala pelo impulso alheio, cada vez mais alto. A guerra parece estar chegando ao fim, e muitos se felicitam, no mundo, por seu resultado. O regime ditatorial de Saddam Hussein parece estar vencido e varrido da sociedade iraquiana. Dada a desproporcionalidade desta guerra, a "vitória" foi rápida. O mais difícil, no entanto, está talvez por vir: como o expressou ontem o secretário de Estado francês das relações exteriores, Renaud Muselier, "ganhar a guerra é uma coisa, mas agora é preciso ganhar a paz", e "está muito claro em nossos sentimentos que somente podemos ganhar a paz num contexto multilateral e com a ONU"[43]. O senso de entendimento e justiça da comunidade internacional e especialmente dos Estados Unidos vai ser colocado à prova no trabalho posterior de evitar a gangorra da violência.

Se o terremoto e o fogo das modernas armas pararam agora, certamente não é a lição divina que fica. Não foi no ruído da tempestade, do terremoto, nem no fogo, que Elias encontrou

42 O grupo *Dixie Chics*
43 Cf. http://noticias.bol.com.br/mundo/2003/04/09/ult94u54887.jhtm

Deus no monte Horebe (1 Rs 19). Ele o encontrou no silêncio da brisa. Esta palavra pode nos servir de analogia à luz do Novo Testamento. Uma brisa nova sopra no mundo. A reconciliação, onde o "homem" – ecce homo! Jesus Cristo – cuida do direito do "homem", do semelhante. Na reconciliação e no perdão há luz no túnel. João Paulo II, que advertiu e suplicou contra esta guerra, publicou em 2001 um texto com o título "não existe paz sem justiça, e que não existe justiça sem perdão".[44] Todos os cristãos de boa vontade, católicos ou protestantes, podem alinhar-se a esta proclamação. Na brisa do evangelho da reconciliação podemos encontrar a presença, fala e ação libertadora e amorosa de Deus. Está nas mãos e ouvidos do ser humano parar para escutar, voltar e viver. Está nas mãos dos que ouvem levar a reconciliação ao mundo. A última pergunta que se nos faz é:

2) *Como podemos relacionar o mistério celebrado na Semana Santa com os fatos que estão acontecendo no Iraque?*

Na Semana Santa celebramos o mistério do Deus que silencia diante da violência estatal e religiosa que se abate sobre seu próprio caminho de amor. Teólogos da esperança como Pannenberg e Moltmann nos ajudam a concluir e compreender com intensidade que neste mistério se resume na verdade toda a história de silêncio e resposta de Deus diante dos destinos de sofrimento que vêm marcando a história humana. Moltmann no seu livro *Prisioneiro da Esperança* refere-se à noção de "eclipse de Deus", de Martin Buber. O verdadeiro sofrimento de Jesus é o silêncio de Deus, seu abandono por ele e "nós nunca nos acostumaremos ao fato de que no próprio centro da fé cristã nós ouvimos este grito do Cristo esquecido por Deus. [...] sempre tentaremos achar respostas 'mais piedosas'. [...] O pai abandonou seu filho, 'Deus se cala' [...] o filho carrega o julgamento no qual cada um está sozinho e diante do qual ninguém consegue subsistir."[45] Mas por quê? A resposta a esta pergunta, diz Moltmann, não pode ser teórica, começando com um "porque" (*weil*). Ela tem de ser uma resposta prática, tem de ser uma ação, um evento. Uma nova experiência tem que trazer resposta a esta experiência, uma nova realidade tem que responder a esta realidade. É a resposta da ressurreição[46]. Todo o silêncio de Deus nos remete a este silêncio histórico: não há nada mais a dizer na cruz. A palavra que ressurge é a palavra do túmulo vazio e a esperança que ele suscita.

O silêncio do cordeiro nas mãos do carrasco é o mistério da salvação que fora guardado em "silêncio" anteriormente, mas

44 João Paulo II, 2001.
45 Moltmann, 1983.
46 Idibid.

agora é manifesto. Se no Antigo Testamento existe uma quantidade de textos que tentam compreender o silêncio de Deus na história do sofrimento humano, este tema desaparece no Novo Testamento, por esta razão. Cristo, o cordeiro hoje celebrado na Eucaristia, traz uma novidade absoluta sobre Deus, sua vida, morte e ressurreição abriram o tempo da revelação e da manifestação. Na reconciliação operada por Deus no mistério da salvação, o ser humano encontra o significado de sua origem e de seu destino.

Uma maneira de sondar este silêncio de Deus e colocar-se na escuta de sua resposta é, no silêncio do seu coração, abrir-se a esta reconciliação em Jesus Cristo. O coração, como o deserto, é muitas vezes "palco de tumulto e de paixões, lugares de combate". Sondar a palavra da cruz e da ressurreição de Jesus leva a compreender a disposição e ação de um Deus que iniciou com sua criatura amada uma história na qual ele não abandona definitivamente o objeto de sua afeição que contra ele se rebela. Sondar esta brisa traz reconciliação ao coração. Um coração reconciliado também é capaz de silêncio. Então o silêncio torna-se uma questão de sensibilidade, de afinação: "ao invés de ser vivido como um vazio insuportável, ele pode ser como uma atenção vigilante, como o intervalo entre dois movimentos de uma sinfonia"[47].

Na celebração da Eucaristia a Igreja vive esta reconciliação e é chamada a "gritar dos telhados" para o mundo esta reconciliação. A Igreja não deve esperar que "as pedras gritem" (Lc 19.40), mas tem como incumbência levar ao mundo as forças de reconciliação que emanam de sua vida sacramental, representando simbolicamente uma humanidade em comunhão acima de todas as diferenças culturais, sociais e econômicas, porque vivendo do reinado de Deus que está em devir.

Neste contexto quero chamar a atenção para a contribuição especial de Wolfhart Pannenberg, que desde os anos 1960 vem propondo uma teologia histórica da revelação, solidamente fundamentada sobre conceitos racionais desde Hegel e sobre dados exegéticos e doxológicos da fé cristã, que vê no evento central do Cristo historicamente crucificado e ressuscitado a irrupção proléptica, antecipativa, do final da história neste mundo. Seu conceito de igreja inclui uma sólida reflexão sobre a igreja enquanto corpo de Cristo e sua função simbólica neste mundo, bem como sua relação com o Estado, e a relação conjunta que o Estado e a Igreja têm com o Rein(ad)o de Deus.[48] Reflete, num frutífero diálogo com a teologia católica e reformada, sobre a natureza sacramental da igreja e as conseqüências escatológicas neste mundo de sua vivência sacramental. Moltmann enfatizará, na mesma abordagem escatológica da esperança, a vida messiânica da igreja neste mundo, que será sinal da resposta de Deus ao sofrimento humano.

47 André Louf, cf. *Editorial*, *Christus*.
48 Cf. M. Zeuch, 1997, 1999.

Finalizando, quero destacar com Dietz, que resume este ponto de vista quando afirma que o sofrimento tem uma dimensão transhumana, que inclui toda a criação conforme Rom 8,19-22 e que Leibniz qualificou de "mal metafísico", referindo-se à contingência e finidade do mundo. No ser humano, no entanto, é compreendido além disso como conseqüência do pecado e culpa, que é o fato de ele negar sua condição (finita) de criatura e querer divinizar-se. É neste intento que ele inflige sofrimento em três direções: a si mesmo, ao mundo e a Deus. O sofrimento e o pecado não podem ser resolvidos no horizonte da própria criatura, mas somente de maneira escatológica. Não no sentido de apagar um mal feito ou negar a história de sofrimento da criatura, mas abrindo um horizonte novo de sentidos que faz aparecer o mistério do sofrimento – outrora não solucionável racional e tecnicamente – numa nova luz[49]. Paul Ricoeur nos desvia da pergunta especulativa "de onde vem o mal" e nos desafia à pergunta-ação: "o que fazer contra o mal?", fixando o olhar, não no passado ou numa origem a ser descoberta, mas na idéia de uma tarefa a ser cumprida[50].

A Igreja cristã tem a chance de levar aos seres humanos a Palavra da reconciliação. Onde o Corpo de Cristo levar esta palavra e ação, Deus estará falando.

Bibliografia

BARTH, Karl. *The Church and the War*. Antonia H. Froendt, trad. New York: The MacMillan Company, 1944.

BOWMANN, R: O que o americano deve entender. www.alomundo.com.br/sf/sf2001/294nov/americano.htm. – 04/2003.

GAGNON, Denis. Quand Dieu se tait... Http://www.spiritualite2000.com/Archives/billets/juin29_01.htm

Correio do Povo, 1/4/2003.

Declaração das Igrejas Luteranas em favor da Paz. Documento da Igreja Evangélica Luterana de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) de 24/3/2003.

49 Cf. W. Dietz, Thesen zur Theodizeefrage.
50 Paul Ricoeur, em www.bonheurpourtous.com/botext/combmal.html.

DIETZ, Walter. Thesen zur Theodizeefrage. Palestra 10/5/2002, Univ. Mainz. Www.evtheol.uni-mainz.de/st/download.

DREWERMANN, Eugen. Warum Bush diesen Krieg führen muss. *Spiegel*, 11 fev. 2003, www.spiegel.de.

Editorial da revista *Christus*, http://pro.wanadoo.fr/assas-editions/xt/x194.htm#edito.

Ein "gerechter Krieg" gegen Irak? – evangelisch.ainet.at/krieg_txt.htm – 03/2003.

GARZON, Luis Fernando Novoa. Guerra SA. Um front para lá de Bagdá. Www.novae.inf.br/ativismo/guerra_sa.htm – 03?2003.

Gibt es einen gerechten Krieg? Www.friedenspaedagogik.de/themen/krieg_verst, 03/ 2003.

JOÃO PAULO II. Il n'y a pas de paix sans justice, il n'y a pas de justice sans pardon. Publicado em 8/12/2001, http://www.vatican.va/phome_fr.htm.

KREMERS, Helmut. Nicht die Augen verschliessen. Der "gerechte Krieg", eine Herausforderung. Kommentar. *Zeitzeichen*, N. 1, Janeiro de 2003, 19.

KÜNG, Hans. Der Krieg gegen den Irak ist unmoralisch. Entrevista em *Der Spiegel*. Http://www.friedenspaedagogik.de/themen/krieg_verst/gere_krieg/gere_krieg/gere_kr_05.htm. 03/2003.

LAUN, Andreas. Amerika gegen Irak: Ein gerechter Krieg? *Die Tagespost*. members.aol.com/_ht_a/alfarvkastutz/Frame161.html, 03/2003.

L'Empire contre l'Irak – Cahier documentaire sur le Golfe. www.monde-diplomatique.fr/cahier/irak/ – 03/2003.

L'EVEQUE, Jean. Silence de Dieu, silence de l'homme. Theme biblique. http://perso.jean-leveque.mageos.com/siope.htm

MÉSZÁROS, István. *Para além do Capital. Rumo a uma teoria da transição*. Paulo C. Castanheira e Sérgio Lessa, trads. Campinas: UNICAMP, São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MOLTMANN, Jürgen. *Paixão pela vida*. Caderno especial da revista Simpósio n. 1. São Paulo: ASTE, 1978.

MOLTMANN, Jürgen. *Prisoner of Hope*. From The Power of the Powerless, English transl. Copyright © 1983 by SCM Press Ltd., reprinted by permission of HarperCollins Publishers Inc. Extrato em www.bruderhof.com/articles/PrisonerOfHope.htm

MOLTMANN, Jürgen. *The Experiment Hope*. M. Douglas Meeks, trad. E ed. Philadelphia: Fortress Press, 1975.

MOLTMANN, Jürgen. *The trinity and the kingdom: The doctrine of God*. recensão em http://www.amazon.com

MOLTMANN, Jürgen. *Theology of Hope. On the Ground and the Implications of a Christian Eschatology*. James W. Leitch, trad. New York, Hagerstown, San Francisco, London: Harper & Row, Publishers, 1975.

NAUERTH, Thomas. Über die Notwendigkeit von bellum justum Kriterien im neuen Leitbild „Gerechter Friede". Ein Plädoyer für gewissenhafte Prüfung ethischer Legitimität staatlichen Handelns. 10/2002. http://www.ekd.de/eak/texte/EAK-Studientag02-Beitrag-Nauerth.doc

PANNENBERG, Wolfhart. *Systematische Theologie*. Vol. 2. Göttingen: Vandenhoek & Ruprecht, 1991.

PETERSON, John. O imperialismo americano e a guerra contra o Iraque. Www.marxist.com/languages/portuguese/imperialismo_americano_guerra_contra_iraq.htm, 03/2003.

PLANER-FRIEDRICH, Götz. Schlechte Realität. Die traditionelle kirchliche Lehre vom gerechten Krieg ist überholt. *Zeitzeichen*, N. 1, Janeiro de 2003, 13-15.

REYER, Martin. Zwischen den Fronten. Wer seine Leidensgeschichte zu Ende erzählen darf, kann sich verändern. *Zeitzeichen*, N. 1, Janeiro de 2003, 8-9.

SERFATI, Claude. Le militarisme, la guerre et la crise du capitalisme. - 03/2003.

SESBOUÉ, Bernard. Quando Deus se cala. (Extrato do original francês publicado em *Christus*, n. 194, 2002, p. 155-165). Http://www.itf.org.br/grandesinal/gs02-6/art06-1.html, 03/2003

SKRIVER, Ansgar. Eine Weltordnung der Ordnung halber. Bushs Vision von der Vormachtstellung des Nordens. *Lutherische Monatshefte*. N. 11, Novemvro de 1991, 481-483.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. A reconstrução dos Estados Unidos. *Veja*, 2/4/2003, 106.

Verbreitung der Heiligen Schrift, D-Eschenburg http://www.bibelstand.com/Traktate/trOhGottWarum.htm

ZEUCH, Manfred. A salvação universal e a escatologia no pensamento de Wolfhart Pannenberg. *Igreja Luterana*, São Leopoldo, v.56, n.1, 1997, 39-58.

ZEUCH, Manfred. Elementos de uma eclesiologia luterana contemporânea: Igreja e sacramentos em Wolfhart Pannenberg. *Igreja Luterana*, São Leopoldo, v.58, n.2, 1999, 181-201.